



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Modernista em Brasília

Rubem Braga dizia que qualquer narrativa de Di Cavalcanti de uma travessia da ponte Rio-Niterói na barca da cantareira era mais interessante, vívido e fascinante do que o relato de algum mortal que houvesse viajado pela Europa. O pintor que conferiu dignidade à beleza das mulatas brasileiras e as alçou à

condição de musas, de madonas tropicais, era muito ligado a Brasília.

Di era um modernista da cabeça aos sapatos e Brasília era o modernismo transformado em cidade. Ele ficou entusiasmado e produziu várias obras sob encomenda para a nova capital. A primeira é uma linda tapeçaria para o Palácio da Alvorada em que mulatas tocam flautas, banjos, violões e flautas.

Di morou pela primeira vez em Paris, no início dos anos 1920, e afirmou que a cidade francesa colocou uma marca de inteligência na vida dele e, como civilizado, conheceu a sua terra e passou a valorizar as rodas de samba, a beleza

mestiça e as cenas cotidianas do Rio de Janeiro. Ele estava em Paris, hospedado em um pequeno hotel, quando concebeu o primeiro trabalho para Brasília. A pista para a reconstrução das relações de Di com Brasília vem de uma delicada crônica de Gilda Cesário Alvim, datada de 4 de abril de 1958.

Gilda escreve que a primeira prova tangível da existência de Brasília naqueles tempos ocorreu no quarto do terceiro andar de um hotelzinho barato com nome de trem expresso: Dinard. Instalado por lá, Di Cavalcanti olhava a rua e sonhava com Brasília: "E do sonho de Di Cavalcanti nascem mulheres, sinuosas,

envolventes como lianas, mulheres serpentes, que o domador encanta, não com a clássica flauta, mas com pincéis e tintas. A não ser que os papéis aqui estejam invertidos e o encantado seja o encantador. Porque cada mulher leva entre as mãos um instrumento de música. Esta uma flauta, aquela um banjo, outra um cavaquinho. Embalam. Encantam. O presente fazem esquecer. O passado ao futuro ligam, pelo limo que carregam, pelas flores que prometem".

Em alguns momentos, Di pousava o pincel e esquecia. Sonhava com Brasília. A tapeçaria será em tons de cinza, com grandes manchas azuis que lhe darão

vida, sem quebrar a harmonia. Nada que choque, que desafine, evoca Gilda.

Mas quando Di sonha, tudo se transforma e ele exerce o poder de encantação verbal sobre todos os habitantes ou hóspedes do hotel. Aos poucos, a paisagem parisiense muda. As paredes se afastam e o sol rasga as nuvens pegajosas. O horizonte se alarga e a imensidão verde se estende sobre os telhados de Paris, lembra Gilda, com o olhar espantado daquele longinquo 1958: "Todo mundo no hotel já sabe e fala de Brasília. Todo mundo já sabe, já fala, já acredita nessa capital extraordinária que vai brotar, um dia destes, no solo fértil e virgem do Brasil".

» Entrevista/ BRUNO OLIVEIRA, INFECTOLOGISTA PEDIÁTRICO

Ao *CB.Saúde*, médico avalia que o retorno às aulas presenciais deve fazer com que mais casos de covid-19 sejam notificados. Ele alerta que "a vacina é a única maneira de nos cuidarmos" e destaca que, no DF, não houve casos de reações após a imunização em crianças

"É provável que os casos aumentem"

» PABLO GIOVANNI*

A poucos dias de completar um mês do início da vacinação em crianças no Distrito Federal, a imunização de crianças de 5 a 11 anos está aquém do esperado no Distrito Federal. De acordo com a Secretaria de Saúde do DF (SES-DF), 104.563 crianças (27%), em uma população estimada de 268 mil, tomaram a vacina. "Teve toda uma controvérsia, uma série de discussões, um temor das famílias de eventos adversos que aconteceram em outros países, além do medo de aplicação da Pfizer adulta nas crianças", avaliou o infectologista Bruno Oliveira, ontem, em entrevista à jornalista Carmen Souza, no programa *CB.Saúde* — parceria do *Correio Braziliense* com a *TV Brasília*.

O que tem levado os pais a não vacinarem os filhos?

Temos uma conjuntura de valores de fatores complicantes para a vacinação infantil nesse momento. A liberação da vacina infantil aconteceu desde o fim do ano passado e temos vacinas disponíveis no DF. Teve toda uma controvérsia, uma série de discussões, um temor das famílias de eventos adversos que aconteceram em outros países, além do medo de aplicação da Pfizer adulta nas crianças. A vacina predominante aqui no Distrito Federal é a CoronaVac, que é a mesma aplicada nos adultos e nas crianças e está disponível nos postos de saúde. A gente não vê tanto motivo para uma adesão

tão baixa, e o que a gente tem visto (nos postos de saúde) é um ambiente muito tranquilo, de certa forma, por essa procura por vacinas às crianças no DF.

Existe alguma razão clínica que justifique adiar a vacinação de crianças?

Existem algumas indicações clínicas, e varia de acordo com o histórico da criança. Por exemplo, se a criança estiver com sintomas febris ou gripais, o ideal é que se adie a vacinação até que os sintomas se resolvam. Em caso de covid-19, o ideal é que a gente aguarde 30 dias para iniciar o ciclo de vacinação. Para crianças que tomaram outras vacinas da calendário vacinal, o ideal é que a gente dê um intervalo de 15 dias. Fora isso, não existem outros motivos. As vacinas estão liberadas, são seguras, testadas em fases pré-uso e são amplamente usadas no Brasil e no mundo.

Houve algum caso de crianças que apresentaram complicações após a vacinação e que demandou atenção médica?

Não. Em crianças, não conheço nenhum relato de efeitos de eventos adversos graves no DF. No começo, tivemos relatos de vacinação incorreta com essa confusão da Pfizer adulta e infantil. Nas últimas semanas, a gente não teve relatos sobre isso, e, em todos esses casos notificados, as crianças foram acompanhadas. Desde o início da vacinação de adultos, tivemos mais de 5 mil eventos notificados, mas apenas sete foram relacionados à vacina, sendo que cinco foram a alergia. Então, isso é mais da

pessoa do que da vacina. Não tivemos óbitos. As vacinas são seguras para adultos e para crianças.

Como estão os atendimentos nos hospitais infantis, como o HMIB e o Hospital da Criança, nos últimos dias, considerando o avanço da ômicron?

Temos os hospitais do DF, seja público ou privado, cheios de casos do novo coronavírus. Diferentemente das outras ondas e de outras variantes, em que não tínhamos tantas internações infantis, nossos hospitais estão tomados por quadros respiratórios, e muitos deles por coronavírus. Nas outras ondas, não tivemos tantas internações pediátricas, sendo que, no início, as pessoas diziam: 'criança não pega'. Não, crianças pegam o coronavírus sim, da mesma maneira que os adultos pegam. Com a chegada da ômicron, ela é mais de 90% dos casos nos atendimentos, e isso impactou bastante a internação em pediatria. Não é que as crianças ficaram mais graves, é só porque a gente está tendo muito mais casos. Isso foi suficiente para encher as internações, além da influenza, que foi tudo ao mesmo tempo e causou uma situação bastante complicada nas unidades infantis do DF.

Quando falamos de casos graves, podemos relacionar isso a crianças com comorbidades ou outro fator de risco da covid-19? Há casos de sequelas e, possivelmente, óbitos?

Tem uma parcela importante de pacientes infantis que têm comorbidades, que foram internadas por agravamento, não só por covid-19,

mas por agravamento das comorbidades. Há, também, um número considerado de crianças previamente híginas, que não tiveram nenhuma doença, e que necessitaram de internação, muitas delas em UTI. Sobre sequelas, podemos falar das pulmonares e de outros tipos. Temos o caso de uma relativamente nova doença, descrita de 'covid longa'. Temos a doença inflamatória pós-covid, que aumentaram aqui no DF. Muitos países estão notificando recordes de óbitos de crianças sem comorbidades. A nossa notificação é menor, pelo pouco tempo de ômicron no país. É uma possibilidade (mais óbitos) de crianças no DF com o aumento de casos. Sabemos que a vacina é a única maneira de nos cuidarmos.

No seu entendimento, é o momento de voltar com as aulas?

É uma decisão complexa. A gente sabe que, desde o início da pandemia, as crianças estão tendo um déficit intelectual, de aprendizado e de desenvolvimento social. Então, a gente entende a grande necessidade da reabertura das escolas e maior qualidade do ensino presencialmente do que remoto. Acredito que a gente tenha perdido um pouco de tempo com a vacinação infantil por outras questões, como a compra, a disponibilidade e a distribuição e, agora, estamos tendo um outro problema que são pais relutantes para levar as crianças para vacinação. Mesmo com protocolos, como distanciamento e uso de máscaras, é provável que os casos aumentem, por conta do contato das crianças. Caso surjam sintomas, os pais precisam ficar

Ed Alves/CB



atentos com corizas, tosse, espirros, febre, dor no corpo, diarreia, vômitos e rouquidão. Todos esses sintomas são compatíveis com a covid-19 e com outros vírus respiratórios. Quem está doente não pode ir para a escola, para não disseminar, seja qual for o vírus.

O Equador anunciou que vai vacinar crianças com 3 anos. Israel informou que pretende vacinar bebês em abril. Podemos pensar nessas possibilidades no Brasil?

Acho que, no futuro, isso é bastante provável. A gente sabe um pouco das histórias das vacinas, porque muitas comentam: 'ah, a vacina é uma tecnologia nova'. Na verdade, a gente vem trabalhando com essa tecnologia há 200 anos, e, por isso, conseguimos desenvolver vacinas tão rápido. Acima dos dois anos, do ponto de vista imunológico, as crianças são

muito parecidas com os adultos. Então, esperamos que essa idade vá diminuindo.

Pais vacinados protegem crianças vacinadas, independentemente da idade?

A infecção em adultos está relacionada à infecção de crianças. E adultos não vacinados, que não receberam, pelo menos, três doses, têm 14 vezes mais chance de ficarem doentes. Então, a chance deles transmitirem para crianças é maior. A vacinação é uma medida de proteção individual, mas também coletiva, principalmente entre jovens de 30 a 40 anos no DF, que é a menor parcela vacinada na capital. Quem tiver a dose atrasada, é muito importante procurar as unidades de saúde. Vamos vacinar!

*Estagiário sob a supervisão de Guilherme Marinho

Saúde fará revisão de dados da covid-19

» ANA ISABEL MANSUR
» ANA MARIA POL

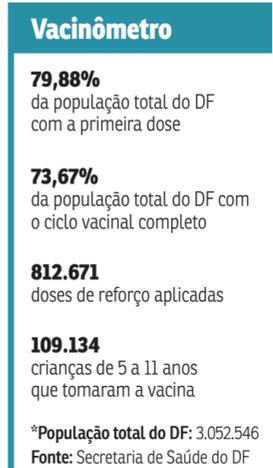
A Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF) vai revisar a apresentação de dados nos boletins epidemiológicos sobre a covid-19 que levaram a interpretações equivocadas a respeito do cenário pandêmico no DF. A informação foi confirmada pela pasta após o *Correio* questionar o método de divulgação do número de vacinados entre as mortes notificadas diariamente.

Os documentos em questão trazem o número de mortes por covid-19 entre vacinados e não vacinados de 1º de fevereiro a essa quarta-feira. No entanto, especialistas alertam que esse tipo de divulgação promove desinformação e leitura equivocada da real situação enfrentada pelos pacientes infectados. No fim de janeiro, 90% dos internados com covid-19 em unidades de terapia intensiva (UTI) do DF não estavam vacinados.

A secretaria passou a publicar o status de imunização entre os óbitos em 1º de fevereiro. De lá para cá, são apenas sete boletins epidemiológicos, considerando que a secretaria tem publicado as informações apenas em dias úteis. Os números, porém, não podem ser analisados isoladamente nem desconstruídos no contexto da pandemia na capital federal. "São diversas partes de um problema, que não podem ser analisadas de maneira isolada, sem considerar o cenário relativo ao fenômeno que está acontecendo", argumenta Wildo Navegantes, professor de epidemiologia da Universidade de Brasília (UnB).

UTIs lotadas

A situação dos hospitais do Distrito Federal que atendem pacientes com covid-19 segue crítica. A ocupação das unidades de terapia intensiva (UTI) para adultos com a doença chegou a 98% ontem e encerrou o dia em 96,7%, na rede



pública do DF. Na particular, o cenário também é preocupante: a taxa alcançou 79,8% para adultos. Os leitos pediátricos e neonatais estavam 100% tomados na rede

privada e com ocupação de 64,3% nas unidades públicas.

A Secretaria de Saúde do DF (SES-DF) conta com 117 leitos para adultos e crianças com a covid-19. Desses, oito estão disponíveis, nove aguardam liberação e quatro estão bloqueados. Na rede particular da capital federal, há, no total, 147 vagas para o tratamento da covid-19 em UTIs, das quais 29 estão livres. Não há nenhum leito bloqueado nos hospitais particulares do DF. Os números são do painel InfoSaúde, da SES-DF.

Segundo a pasta, 90% dos internados não tomaram as vacinas contra a covid-19 ou receberam apenas uma dose. Nos hospitais públicos, há nove pacientes de 0 a 12 anos; um de 18 anos; cinco pessoas entre 21 e 27 anos; três de 31 a 40 anos; 10 de 42 a 49 anos; e 12 entre 51 e 59 anos, além de 52 idosos com 60 anos ou mais. A rede particular não divulga as idades dos internados por covid-19.

Em meio aos números alarmantes de internações, os casos

Carlos Vieira/CB/D.A.Press



Maioria dos internados em UTIs são pessoas não vacinadas

e as mortes em decorrência da doença seguem em patamares elevados. Apesar de o DF estar registrando número de óbitos inferior ao observado antes da vacinação, a média móvel de mortes é de 11,4. A mediana de casos ficou em 5.633,8. Por ter tido variação inferior a 15%, o dado é considerado estável.

No total, o Distrito Federal tem 653,2 mil infecções. Dessas, 3.650 foram notificadas ontem. Desde

o início da pandemia, a capital federal acumula 11.265 mortes em decorrência de complicações da covid-19. Nove foram registradas nas últimas 24h.

A taxa de transmissão da covid-19, que indica a reprodução da pandemia, está em 1,24, o que mostra que cada 100 pessoas com a doença podem transmitir a ela, em média, para outras 124. O ideal é que o número permaneça abaixo de 1.